

Severo Buarque de Holanda, Luisa
A parte e o todo: atomismo e linguagem no Sofista.

ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

A PARTE E O TODO: ATOMISMO E LINGUAGEM NO *SOFISTA*

Luisa Severo Buarque de Holanda
PUC-RJ

RESUMO: O atomismo de Leucipo e Demócrito é utilizado implicitamente, em não poucos diálogos de Platão, como um importante paradigma científico a ser problematizado, criticado ou reempregado. Interessa-me, aqui, analisar a contribuição do atomismo para a Filosofia da Linguagem platônica presente no *Sofista*. A hipótese a ser desenvolvida é que o cerne das reflexões linguísticas encontradas em tal diálogo se inicia com uma importante crítica à doutrina do atomismo.

PALAVRAS-CHAVE: Atomismo; Linguagem; Unidade; Sofista; Platão.

ABSTRACT: The Atomism of Leucippus and Democritus is implicitly used, in quite a few dialogues of Plato, as an important scientific paradigm to be problematized, criticized or reutilized. My focus here is in analysing the contribution of Atomism to the Platonic Philosophy of Language present in *Sophist*. The hypothesis to be developed is that the core of the linguistic reflections found in the aforementioned dialogue begins with an important criticism to the doctrine of Atomism.

KEY WORDS: Atomism; Language; Unit; Sophist; Plato.

Introdução

O atomismo de Leucipo e Demócrito é utilizado implicitamente, em não poucos diálogos de Platão, como um importante paradigma científico a ser problematizado, criticado ou reempregado. Interessa-me, aqui, analisar a contribuição do atomismo para a Filosofia da Linguagem platônica presente no *Sofista*. A hipótese a ser desenvolvida é que o cerne das reflexões linguísticas encontradas em tal diálogo se inicia com uma importante crítica à doutrina do atomismo.

Severo Buarque de Holanda, Luisa
A parte e o todo: atomismo e linguagem no Sofista.

De um modo bastante geral e aproximativo, parece justo afirmar que, no *Sofista*, a discussão com o pensamento atomista está centrada no problema da relação parte-todo e da possibilidade de transmutação de quantidade em qualidade (ou ainda: se as partes, pensadas quantitativamente, podem explicar o caráter qualitativo do todo). Isso não é novidade, se pensarmos que, nos contextos platônicos em que o atomismo parece estar implicado (ou em que muitos intérpretes reconhecem, ao menos em potencial, um diálogo com tal doutrina), são geralmente esses os temas examinados¹. No entanto, no *Sofista* em particular, diálogo especialmente marcado pelo livre trânsito entre a física e a linguística, o que ocorre é que muitas das conclusões tiradas a respeito do âmbito físico são aplicadas ao âmbito da linguagem, e vice-versa, de modo que toda a reflexão acerca das questões mencionadas acima será de grande relevância para os temas linguísticos ali examinados. Para dizê-lo em poucas palavras: no *Sofista* há uma espécie de complexificação da concepção de unidade derivada de uma dissociação entre, de um lado, a noção de unidade, e, de outro lado, a simplicidade da indivisibilidade (e, conseqüentemente, uma dissociação entre o caráter do que é uno e o caráter atômico), e o resultado disso é que a relação entre parte e todo se modifica. A partir de tal modificação é que se aplicará o referido problema ao tema da linguagem, de modo que seremos forçados a concluir, a partir do passo a passo da argumentação, que, no *Sofista*, a palavra não pode ser considerada como a unidade semântica do discurso, e nem a unidade discursiva, inversamente, como um todo cujas partes são as palavras.

Pois bem, antes de passar ao exame dos trechos do *Sofista* em que, a meu ver, isso ocorre, é necessário esclarecer certos pontos importantes relativos ao tratamento platônico do atomismo. Antes de mais nada, e à guisa de advertência, é necessário esclarecer que eu não pretendo examinar aqui se a visão platônica da doutrina abderita corresponde ao que tal pensamento de fato deve ter sido. O que me interessa é a maneira como Platão parece entender o atomismo, e isso apesar de este não ser nomeado explicitamente em sua obra, o que pode soar altamente paradoxal. Mas o que me autoriza a falar de uma visão platônica do atomismo em tais contextos é a semelhança entre as passagens nas quais creio que o filósofo esteja falando do atomismo e comentários explícitos de outros autores da Antiguidade acerca

¹ Refiro-me particularmente ao *Crátilo*, ao final do *Teeteto*, ao *Filebo*.

² Escolhi esse trecho como exemplo paradigmático da presença do atomismo na obra, não só porque é onde ela predomina, como também porque ele é fundamental para a economia geral do diálogo; mas poder-se-ia apontar

Severo Buarque de Holanda, Luisa
A parte e o todo: atomismo e linguagem no Sofista.

de tal teoria; muito especialmente, passagens aristotélicas que explicam certas doutrinas atomistas. A proximidade, em alguns casos, é tanta, que nos sugere não só uma visão comum – platônico-aristotélica - do atomismo, como confirma a presença, em certos trechos bem precisos, desse ilustre ausente do *corpus platonicum* que é Demócrito.

A primeira das passagens aristotélicas às quais me refiro é uma célebre explicação das noções atomistas de figura, ordem e posição: “Assim, A é diferente de N pela figura, AN de NA pela ordem, e I de H pela posição.” (*Metafísica*, 985b4). O que está sendo apresentado aqui é a maneira como os atomistas explicam a geração das grandes diferenças fenomênicas apenas pela introdução de pequenas diferenças – figura, ordem e posição - entre os seus elementos, que são os átomos e o vazio. Eu não gostaria de sobrevalorizar o exemplo, mas não deixa de ser interessante que, em sua explicação, o estagirita recorra à aparentemente fortuita ilustração da teoria atomista por meio das letras do alfabeto, entendidas como elementos primários do discurso, e vistas, portanto, como exemplos comparativos privilegiados para a compreensão da doutrina dos abderitas. Interessante, justamente porque a comparação entre as letras do alfabeto e os elementos da realidade física é recorrente em Platão, e aparece em pelo menos seis diálogos, embora com pesos e objetivos variados, a depender do contexto em que se insere. É bem verdade, por outro lado, que tal comparação é quase que natural no contexto da língua grega, pelo fato de que se usam indiferentemente os termos *grammata* e *stoikheia* para designar as letras do alfabeto, e nem Platão, tampouco Aristóteles, fazem exceção a essa regra. Ela repousa, em suma, sobre uma semelhança muito básica de operações: com poucas letras é possível escrever quaisquer discursos, como com poucos elementos materiais é possível formar tudo o que há. Em outras palavras: os modelos físicos que utilizam a noção de elemento (*stoikheion*) e o modelo alfabético têm em comum a vantagem de explicar o muito pelo pouco, ou seja, são dotados da economia científica, digamos assim, da elegante capacidade de redução da pluralidade a um pequeno número de tipos de elementos.

A segunda explicação de Aristóteles a ser citada vem não apenas complementar, como reforçar a primeira, pois nela fica finalmente explícito o que me parece ser o essencial da presença do atomismo no *Sofista*: “...eles <Leucipo e Demócrito> conceberam as figuras como sendo inumeráveis, pelo que é devido a mudanças do composto que a mesma coisa parece contrária a uma e a outra pessoa, e é transmutada por pequeno que seja o que se lhe

Severo Buarque de Holanda, Luisa
A parte e o todo: atomismo e linguagem no Sofista.

misture, e pode parecer completamente diversa devido à transmutação de um único constituinte: pois é com as mesmas letras que se compõem uma ‘tragédia’ e uma ‘comédia’”. (*Sobre a Geração e a Corrupção*, 315b10-15). Como na passagem anterior, trata-se de sublinhar o fato de que os atomistas procuraram explicar como se geram as maiores diferenças a partir da quase indiferença, a saber, apenas com uma troca material/quantitativa da figura, da ordem ou da posição, já que os átomos são qualitativamente indistintos. Porém, além disso, importa perceber algo talvez não tão evidente, mas fundamental no presente contexto: a teoria atomista requer uma compreensão bem precisa da relação entre parte e todo. O todo é entendido como uma reunião de partes, de modo que qualquer mínima alteração nestas gera uma transformação naquele. A comparação com a composição alfabética das palavras torna-se então premente: trocando-se as letras, escrevem-se outras palavras e contam-se outras histórias, sendo possível gerarem-se assim as maiores diferenças. Até mesmo a maior contrariedade de todas, pois, entre tragédia e comédia, trata-se da qualidade mesma das vidas humanas, em oposição integral. Mas há aí, precisamente, um detalhe a ser pensado, provavelmente sugerido por Aristóteles no trecho em questão, e efetivamente problematizado por Platão no diálogo aqui examinado: em que medida tragédia e comédia de fato não se distinguem, a não ser pela figura, ordem e posição de suas letras, constituintes materiais últimos do discurso? Em outras palavras: a mera composição material, alfabético-fonética, do discurso parece não chegar a explicar integralmente a diferença qualitativa entre as narrativas, e, se transpusermos essa observação para a física, talvez seja lícito concluir que as diferenças quantitativo-geométricas não são suficientes para explicar as diferenças qualitativas entre os fenômenos, como queriam os atomistas. Insinua-se assim uma visão alternativa da relação entre um todo dotado de certas qualidades – seja ele linguístico ou físico – e as partes de que ele se compõe.

Desenvolvimento

Pois bem, as explicações introdutórias dadas até este ponto tiveram como intuito esclarecer em que medida, segundo uma visão platônico-aristotélica da doutrina abderita, há uma forte relação entre a física atomista e a reflexão sobre a composição material da linguagem. Passemos, a seguir, ao exame de como o atomismo continua a exercer um papel de grande relevância no tocante às discussões mais extensas sobre a linguagem, no contexto

Severo Buarque de Holanda, Luisa
A parte e o todo: atomismo e linguagem no Sofista.

que aqui nos interessa: o *Sofista* de Platão. Ainda antes, porém, devo acrescentar que um traço fundamental da referida discussão é que, tão logo um problema linguístico é apresentado, e a argumentação imediatamente se desvia para uma longa e densa abordagem da questão da unidade, permeada, por sua vez, de indagações relativas ao problema da relação parte e todo, cuja função parece ser a de preparar o terreno para a apresentação de uma compreensão mais complexa acerca do problema da unidade no discurso.

Examinemos em linhas gerais como se dá essa mirabolante interseção de temas e explicações, com exemplos textuais salpicados entre a passagem 251a e a passagem 263d². Em primeiro lugar, no momento em que será abordado o chamado ‘problema da predicação’ e a ‘comunidade dos gêneros’, o Estrangeiro diz: “Digamos então como, de cada vez, chamamos a mesma coisa com muitos nomes.” E, em seguida:

“Falamos de homem, aplicando-lhe variadas denominações, atribuindo-lhe cores e figuras, grandezas, vícios e virtudes; e, em todos estes e milhares de outros casos, não só dizemos o próprio homem, mas também que é bom e outras coisas sem fim. E também outras coisas ainda, cada uma das quais, de acordo com o mesmo discurso, supomos serem uma e dizemos muitas e com muitos nomes.” (*Sofista*, 251a5-b4).

Ao falar de muitos nomes, o Estrangeiro claramente está tratando da predicação, e esta exige, evidentemente, associações. Porém, o ponto que eu gostaria de ressaltar é que, ainda antes da constatação de que a predicação requer uma aliança entre sujeito e predicado, o que é necessário reconhecer é que, para aceitarmos como boas e válidas as associações predicativas, precisamos repensar a relação entre unidade e pluralidade (e parte disso coincide com a abordagem de nosso recorrente problema parte-todo). Precisamos supor serem umas as coisas de que falamos, e ainda assim observar que são compostas, sendo por isso válido lhes atribuímos múltiplos nomes e qualidades (notemos que, para isso, as qualidades precisam ser tomadas, ao menos temporariamente, como partes do todo ao qual pertencem). Mas como abordar essa nova relação entre unidade e multiplicidade? Essa é a questão preliminar ao problema da predicação, e que me parece permear todo esse importante trecho do diálogo.

² Escolhi esse trecho como exemplo paradigmático da presença do atomismo na obra, não só porque é onde ela predomina, como também porque ele é fundamental para a economia geral do diálogo; mas poder-se-ia apontar essa mesma presença em outros pontos estratégicos do texto, tais como, por exemplo, a análise da abordagem parmenídica a respeito do um; o que leva a pensar o quanto as doutrinas anteriores a Platão são tratadas em conjunto pelo filósofo.

Severo Buarque de Holanda, Luisa
A parte e o todo: atomismo e linguagem no Sofista.

Antes de mais nada, o que fica claro é que a exclusão da unidade pela multiplicidade, ou vice-versa, é um erro (sabemos, portanto, o que não deve ser feito). Como diz o Estrangeiro logo a seguir, a respeito dos 'tardios a aprender', e numa clara alusão a Antístenes: "... a qualquer um está ao alcance das mãos retrucar que é impossível o múltiplo ser um e o um múltiplo, por isso alegram-se não deixando chamar ao homem bom, mas ao bom bom e ao homem homem." (*Sofista*, 251b8-9). Caso não conseguíssemos postular uma unidade múltipla e uma multiplicidade una – a definição mesma da deficiência dos 'tardios a aprender' - os nomes, pensados aqui como átomos conceituais, digamos assim, deixar-se-iam apreender unicamente em si mesmos e por si mesmos, isoladamente, em unidade e simplicidade que excluiriam misturas. Mas o que se deseja é, ao contrário, compreender justamente por que o homem pode ser bom. É insuficiente pensar em unidade ou multiplicidade, em divisão ou composição, sem pensar em mistura, associação, relação (de um com o outro). É o que constata o Estrangeiro a seguir: "Todas estas doutrinas nada diriam, se não houvesse mistura." (*Sofista*, 252b6). Não apenas é a mistura efetiva que possibilita que haja alguma coisa simultaneamente una e composta, como também o que quer que possa ser dito só o é pela mistura discursiva. Aliás, é o próprio discurso dos que não querem associar as coisas que os trai. Eles "não têm necessidade de outros refutadores" (*Sofista*, 252c5), já que se refutam a si mesmos como o ventríloquo Euríloco, que emite sons articulados como se estivesse calado. De nada adianta desejar não misturar; todo discurso digno desse nome inevitavelmente realiza a comunhão. Nomear sem predicar corresponde a apenas designar e identificar, destacar algo, apontar como Crátilo. Mas, para efetivamente dizer, é preciso juntar o mesmo com o outro.

A fim de que não se perca de vista o tema geral da discussão com o atomismo, devemos indagar: em que, afinal, toda essa argumentação dialoga com tal doutrina? Ora, a meu ver, dialoga duplamente, pois, de um lado, e pelo pouco que sabemos, o atomismo parece debruçar-se também sobre o problema da mistura, já que fornece algumas explicações para os modos de associação dos átomos (embora não possamos saber em detalhe como foram, nem se se aparentam com a reflexão platônica), mas, de outro lado, parece pensar de modo fundamentalmente diferente a unidade. Se, aos olhos dos atomistas, só o indivisível é simples e uno, e só o simples e uno é por natureza - sendo os complexos convenções, frutos passageiros de aglutinações transitórias - o Estrangeiro de Eleia vem nos mostrar a necessidade de pensarmos a unidade gerada por meio da associação, quando esta é

Severo Buarque de Holanda, Luisa
A parte e o todo: atomismo e linguagem no Sofista.

verdadeiramente uma associação³. E é precisamente por isso que se faz necessária uma reflexão sobre o próprio tema da mistura, da comunidade e da aliança, cujo ponto central é o fato de que listar não é ainda efetuar associações. Fornecer um rol de nomes (leão, cervo, cavalo) ou elencar verbos (andar, correr, dormir), como veremos a seguir, não corresponde a formular uma sentença. (A pergunta a ser encarada é, por conseguinte: em que é que uma sentença difere de uma lista, se em ambos os casos temos palavras colocadas lado a lado? Respondendo-se a ela, atingir-se-á também uma noção mais profunda de ‘todo’). É preciso então, antes de qualquer coisa, formular uma explicação da aliança e da comunhão, afastando-as do rol, do catálogo, da lista, e aproximando-as da trama.

É isso que o Estrangeiro fará logo a seguir, quando serão abordados o tema ontológico da *koinonia*, comunidade ou comunhão, e o tema linguístico da *symploké*, trama ou entrelaçamento. A conclusão que assomará então é justamente que *sympléko* - tecer, emaranhar, entrelaçar, dobrar, tramar, trançar - não equivale a enfileirar ou a justapor unidades, tornando-as um complexo múltiplo por aglutinação mecânica. Tecer é, sobretudo, formar unidades antes inexistentes, e isso em todos os planos: no físico e no linguístico, como mostraram as passagens analisadas, e também no político (confirma-o, aliás, o diálogo homônimo, quando diz que a função do político é compor adequadamente o firme tecido da sociedade).

É precisamente no âmbito de tal argumentação que, logo em seguida, mais especificamente em 253a, aparecerá o já mencionado exemplo das letras do alfabeto, presente na explicação aristotélica da teoria atomista com a qual se iniciou este trabalho. Aqui, poderia parecer que o *Sofista* confirma a concepção dos nomes apresentada em parte do *Crátilo*, já que alude aos elementos das palavras para explicá-las. No entanto, não é isso que ocorre, visto que toda a argumentação que levará ao mencionado exemplo, e que acabamos de seguir em linhas gerais, fala do jogo dialético entre unidade e multiplicidade, como vimos, e tem o intuito de utilizar as letras como paradigmas das associações, e não apenas enquanto elementos constitutivos. Em poucas palavras, as letras possuem regras de combinação –

³ Evidentemente, faço aqui uma alusão ao talvez mais célebre fragmento de Demócrito: “Convenção o doce, convenção o amargo, convenção o quente, convenção o frio, convenção a cor: e na realidade, os átomos e o vazio.” (Demócrito, B9). Interessante notar também que a discussão com o atomismo passa pelo reconhecimento de que pode ser altamente arbitrária a decisão de dar um basta à sanha da divisão e da composição, caso não pensemos conceitualmente, mas apenas materialmente.

Severo Buarque de Holanda, Luisa
A parte e o todo: atomismo e linguagem no Sofista.

possibilidades múltiplas, mas restritas de união - tendo as vogais como partículas coringas, que transitam por todas as possíveis sílabas e formam um seu liame unificador. E é o conhecimento de tais regras que caracteriza um especialista: no caso do alfabeto, o gramático, mas no caso da semântica (bem como dos gêneros, que devem fundamentá-la e lhe correspondem), o dialético. A questão é precisamente que a unidade semântica não equivale à unidade alfabética do gramático; ela é já múltipla, e é o reconhecimento de que unidade e multiplicidade não se excluem (ou ainda, a necessidade de se pensar uma unidade múltipla e uma multiplicidade una) o passo que, no diálogo que caça o sofista, nos levará diretamente à descoberta do filósofo. É importante, portanto, saber analisar o entrelaçamento de letras (fonemas) em palavras pronunciáveis, tarefa do gramático, tratamento material e quase aritmético dos sons; mas, sobretudo, é mister compreender que apenas o entrelaçamento de palavras especialmente combinadas em sentenças – regidas por regras - formará unidades linguísticas, consideradas do ponto de vista do dialético. E, ainda: que tal entrelaçamento corresponde a uma comunidade entre os gêneros, também esta regida por regras, pois as palavras do dialético não devem ser caixas vazias, mas precisam versar sobre os modos como se associam os componentes conceituais da realidade. No *Sofista*, em suma, o átomo alfabético é ainda uma sub-unidade, bem como a palavra isolada. O *sema* propriamente dito só é obtido por uma multiplicidade associativa, o *sema* é necessariamente plural⁴.

Duas passagens são especialmente importantes para corroborar o ponto de vista de que, no *Sofista*, a relação entre multiplicidade e unidade precisa ser repensada para que se faça uma descrição mais adequada do funcionamento da linguagem. A primeira que citarei é posterior no curso do diálogo, e parece estar muito diretamente ligada ao atomismo: “Pois então, meu caro, empreender separar tudo de tudo o mais não só não é apropriado, como ainda por cima é de alguém alheio às musas e não filósofo.” (*Sofista*, 259e1) Não filósofo e não musical é, dentre outros, o atomista, que separa tudo de tudo, fragmentando o todo em

⁴ A seguinte passagem (Soulez, 1987, p. 400) resume em parágrafo conciso praticamente tudo que eu estou me esforçando por dizer em relação ao *Sofista*: « Rivée à la fonction désignative, l’approche de la signification est contrainte de s’ordonner en priorité à un critère ‘analytique’ de composition d’où a disparu l’important principe unifiant (...) L’enquête de ce qui fait unité de sens d’un complexe de parties importait à Platon dans le cadre de sa critique de l’atomisme linguistique, à savoir cette version appliqué à l’analyse grammaticale du discours que Platon interprète lui-même comme une version de la théorie physique de l’atomisme soutenue par Leucippe et Démocrite, comme le montrent en particulier les passages diversement interprétés du Thééthète à partir du rêve de Socrate. »

Severo Buarque de Holanda, Luisa
A parte e o todo: atomismo e linguagem no Sofista.

unidades discretas que se associam mecanicamente, e, portanto, – lembremo-nos do *Ménon* – fazendo muitas coisas de uma só como quem quebra um vaso. Ora, a concepção atomista talvez não seja suficiente para explicar de que modo a quantidade gera qualidade; sobretudo, e mais especificamente, não é suficiente para explicar como se forma um todo que possui a qualidade da unidade. Ou seja, o puro mecanicismo não satisfaz o Estrangeiro ao debruçar-se sobre o âmbito linguístico, como não satisfizera o jovem Sócrates, segundo sua declaração a respeito da teoria de Anaxágoras no *Fédon*. Faltaria ainda mostrar como certas partes podem gerar um todo múltiplo também uno. O que significa, no plano do discurso, mostrar como letras, que apenas remetem a sons, e palavras, que apenas designam, podem gerar sentido quando colocadas lado a lado⁵.

A segunda passagem, anterior àquela no decorrer da argumentação, vem, não à toa, logo em seguida à comparação com o gramático e à alusão ao filósofo como aquele cuja ciência versa sobre as associações entre os gêneros supremos. Sobre a tarefa filosófica, encontramos a seguinte observação: “Pois bem, o que é capaz de fazer isso percebe suficientemente uma forma através de muitas, estando uma disposta, separada de cada uma, estendida por tudo, e muitas formas diferentes, contidas entre si por uma só de fora, e uma estendendo-se através de muitos todos, ajustados em conjunto numa forma só; e muitas formas separadas em tudo.” (*Sofista*, 253d3-e1). Sem pretender esmiuçar cada uma dessas possibilidades dialéticas, o que representaria um trabalho à parte, o importante aqui é simplesmente que, em todas elas, unidades e pluralidades não se anulam, mas convivem de variadas formas, e sabê-lo é próprio do filósofo. Mais precisamente: próprio do filósofo é perceber onde se formam as unidades, sem simplesmente identificá-las com o inquebrantável átomo inicial. Mas, o que também é importantíssimo, sem fazer delas unidades posteriores, pensadas como novos átomos.

O atomismo, portanto, não é de grande serventia para o dialético, nem no momento da divisão analítica, nem no momento da composição sintética, e isso porque uma unidade, tal como pensada no *Sofista* - ou seja, uma unidade composta de relações associativas -

⁵ No *Sofista* as palavras não são suficientes para dizer (*légein*). Elas apenas nomeiam (*onomázein*). Quanto ao problema de se palavras isoladas significam, embora essa questão não seja atacada de frente, o fato é que o ponto de vista que interessa ao Estrangeiro é o do discurso significativo, do discurso que é capaz de *deloûn* e *semáinein*, não da palavra. Só aquele gera frutos dialéticos, não estas. O ponto de vista é justamente o do não-isolamento, por isso não é importante, em tal contexto, pensar no significado de palavras isoladas.

Severo Buarque de Holanda, Luisa
A parte e o todo: atomismo e linguagem no Sofista.

necessariamente não coincide com a obtenção de uma nova simplicidade *a posteriori*. Como diz Bluck acerca do final do *Teeteto* (que a meu ver transita pelo mesmo âmbito filosófico investigado nesse trecho do *Sofista*): “Pela mesma razão, ela [uma proposição] não é uma entidade simples, que emerge ou se sobrepõe ao agregado de partes; pois uma relação não é uma entidade simples” (Bluck, 1957, p. 186). Como havíamos visto anteriormente, para repensar a unidade é necessário justamente dissociá-la tanto da indivisibilidade quanto da simplicidade.

Por isso, o Estrangeiro de Eleia comete um duplo parricídio. O primeiro, a saber, repatriar a noção de não-ser, que Demócrito já havia levado a cabo⁶. O segundo - repensar a unidade, distinguindo-a de unicidade, de simplicidade e de indivisibilidade - é um golpe que mata ao mesmo tempo Parmênides e o próprio Demócrito. Aquele vê o uno-simples no todo (contínuo e sem partes), e este no infinitamente pequeno, no minúsculo (também sem partes). Um opta pela síntese, outro pela *diáiresis*. E, se este último ainda tenta retomar a síntese, ele o faz ao modo da soma, tentando recompor aritmeticamente a realidade anteriormente partida. Nenhum dos dois, portanto, é capaz de pensar a combinação da maneira correta, e é isso que o Estrangeiro pretende realizar. O *hen pollà* em que culmina seu raciocínio (*Sofista*, 251b4), portanto, deve ser cuidadosamente distinguido do *pánta hen* heraclítico, que pode ser tão bem aplicado ao pensamento parmenídico, ao menos tal como nos foi transmitido por grande parte da tradição. Não se trata de enfatizar o conjunto uno das coisas múltiplas, mas sim de pensar os vários graus de unidades como relações complexas entre uma multiplicidade. E, ao mesmo tempo, pensar o *logos*, matéria do dialético, como unidade múltipla de um novo tipo, agora semântica e não mais gramatical.

No decorrer da obra, será apenas após uma preparação - que trata da relação entre todo e partes e entre uno e múltiplo por um viés que dialoga com o atomismo - que se chegará a

⁶ Demócrito chama os átomos e o vazio, seus elementos, também de ser e não-ser. Na medida em que há descontinuidade entre as unidades discretas, há a fronteira entre um e outro, portanto há o não-ser. Essa descontinuidade, essa fratura, esse ‘entre’ é também um nada, um nenhum, *méden*, noção com a qual ele joga (ver Cassin, 2010), e que havia sido exilada da realidade parmenídica. A fim de recuperar o ‘entre’, Demócrito matara Parmênides antes de o Estrangeiro platônico fazê-lo. Embora, por outro lado, ele não tenha propriamente entrelaçado ser e não-ser, como faz o Estrangeiro, já que lhe faltara, ao que parece, a noção de entrelaçamento. Ele havia apenas justaposto as duas noções. Mas essa também é uma outra história que não convém tentar retrair aqui.

Severo Buarque de Holanda, Luisa
A parte e o todo: atomismo e linguagem no Sofista.

abordar o problema da formação semântica do discurso. Isso ocorrerá a partir da passagem onde se lê: “... quando as coisas ditas numa sequência mostram algo, se ajustam; enquanto aquelas que pela continuidade nada significam (*semáinonta*) não se ajustam.” (*Sofista* 261e1). Essa parte se antecipara aqui quando foram mencionadas as não significativas listas de nomes e listas de verbos. Sigamos agora em detalhe a argumentação do Estrangeiro: apenas, diz ele, quando juntamos nomes e verbos (agentes e ações, portanto sujeitos das proposições e verbos, o que aponta para a perspectiva sintática com que o Estrangeiro lidará com a questão nessas páginas) conseguimos formar “o primeiro e menor dos enunciados” (*Sofista* 262d1). Ou seja: somente costurando, tecendo, mesclando ou casando verbos e nomes é que geramos finalmente a proposição. E, como veremos na passagem a seguir, geramos com ela um sentido efetivo, pois antes dela os nomes em fila, lembremos, nada significam. A produção de sentido é algo que extrapola os componentes da proposição, e essa extrapolação, por sua vez, não pode ser pensada como mais um componente da proposição, ao lado dos originais.

A abordagem do que seja propriamente a real e efetiva geração de sentido vem logo a seguir, embora, a meu ver, em definição altamente vaga e de difícil compreensão:

“Pois, ele [o enunciado mínimo] mostra (*déloi*) já algo a respeito das coisas que são, ou que vêm a ser, ou que vieram a ser, ou que virão a ser, e não somente nomeia, mas conclui algo (*ti peráinei*), tecendo (*symplékon*) os verbos com os nomes. É por isso que afirmamos que está a dizer e não somente a nomear; de modo que a esse entrelaçamento (*plégmati*) damos o nome de enunciado.” (*Sofista*, 262d2-6)

Não é claro o que significa exatamente esse mostrar definido como *ti peráinein*, como concluir, levar a cabo ou realizar algo. Mas claro está, por outro lado, que a diferença entre nomear e dizer (portanto de certa forma a diferença de perspectiva entre o *Crátilo* e o *Sofista*) reside no efeito de realização ou conclusão da proposição que entrelaça nomes e verbos, ou ainda, no efeito realizador da referida trama. O nome nomeia, mas isso não equivale ainda a levar a cabo, a realizar (um sentido?). Para tanto, é preciso entrelaçar, concluindo assim algum efeito.

Talvez tal efeito possa ser pensado por analogia com as funções realizadas por um complexo sob a regência de certas regras, tais como as funções vitais de um corpo. No caso de um enunciado, tais regras são sintáticas, de modo que, no discurso, fazer quantidade gerar qualidade não é somar palavras, mas impor regras que as articulem sintaticamente e

Severo Buarque de Holanda, Luisa
A parte e o todo: atomismo e linguagem no Sofista.

sinteticamente, a fim de gerar uma unidade semântica - a verdadeira e complexa unidade linguística. Como em um todo orgânico, membros soltos ou apenas colados não formam ainda uma vida racionalmente funcional, assim como a enumeração não dá conta de apontar um princípio de reunião e de síntese (lembramos mais uma vez do *Teeteto* e da famosa passagem da carruagem de Hesíodo). É preciso, por conseguinte, descobrir as precisas regras de associação entre as partes dessa totalidade (com as regras de comunidade entre os gêneros supremos sob todas elas), para que a mesma não se identifique com uma coleção de pedaços. É preciso refletir sobre como ela se articula, conhecer suas juntas e seu liame, para então compreender como ela se constitui em um todo uno, mesmo que formado de partes menores, mesmo que materialmente e/ou conceitualmente divisível. No caso do discurso, o ponto nevralgico dessa associação, segundo A. Soulez, é o verbo, com sua “função ligante”, *desmós* (Soulez, 1987, p. 390). Ora, no *Fedro*, lembremo-nos, era mister evitar imitar o açougueiro desastrado. Para dividir, era preciso achar as articulações, saber o lugar adequado, isto é, natural, de partir um todo. O que não quer dizer, evidentemente, que ele deixe de ser um todo por ser passível de divisão. Pelo contrário, saber parti-lo é justamente saber manejá-lo, conhecê-lo, portanto, e saber precisamente que ele é um todo uno, que se quebra apenas para efeito de análise - com o perdão pela redundância - mas que obedece às regras sintéticas, unicamente capazes de lhe fornecer a unidade real⁷. Citando mais uma vez A. Soulez, “Ainda assim, o discurso só resiste ao atomismo na medida em que o real ele mesmo resiste à análise. É tal resistência sintética que liga o hermeneuta do discurso ao intérprete do real.” (Soulez, 1991, p. 246).

Para concluir, tentando recolher em unidade sintética as partes lançadas pelo caminho, é preciso lembrar que esse todo articulado - exemplificado no *Sofista* pelo primeiro e menor dos enunciados - é de fato a primeira unidade, e não uma mera junção múltipla de partes unas. Só ele é verdadeiramente unitário, pois só ele forma a unidade semântica, que possui finalmente uma qualidade bem específica, a saber, que pode ser verdadeira ou falsa. Isso significa, portanto, que a unidade é múltipla, articulada, e simultaneamente analisável, quebrável. Ela é constituída de associações e de relações. É corpo político ou comunitário,

⁷ Cf. Ryle, 1960, p. 443: “Nouns and verbs, like consonants and vowels, can vary independently, but they cannot function by themselves. As an integral sentence is the minimum vehicle of a truth or falsehood, it is also the minimum expression of knowledge, belief, and conjecture.”

Severo Buarque de Holanda, Luisa
A parte e o todo: atomismo e linguagem no Sofista.

trama e entrelaçamento, cumplicidade entre partes que se associam. Organização, portanto, e em tal medida é estrutura teleológica, formada, não de partes, mas de órgãos, isto é, de instrumentos funcionais. Em suma, a verdadeira unidade, diz-nos o Estrangeiro de Eleia a matar os atomistas junto com o pai Parmênides e a repensar o um, não tem a simplicidade de um átomo, mas a complexidade de um organismo vivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUBENQUE, P. (dir.). *Études sur le Sophiste de Platon*. Napoli : Bibliopolis, 1991.
- ARISTÓTELES. *Metafísica de Aristóteles*. Edición trilingüe por Valentín García Yebra. Madrid: Editorial Gredos, 1982.
- ARISTÓTELES. *Sobre a geração e a corrupção*. Tradução e notas de F. Chorão. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2009.
- BADIOU, A ; CASSIN, B. *Il n'y a pas de rapport sexuel*. Paris : Fayard, 2010.
- BLUCK, R. S. False statement in the *Sophist*. Journal of Hellenic Studies. Cambridge, v. 77. p. 181-186, 1957.
- PLATÃO. *Sofista*. Tradução de H. Murachco, J. Maia Jr. E J. Trindade Santos. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2011.
- PLATÃO. *Teeteto; Crátilo*. Tradução direta do grego de Carlos Alberto Nunes. Coordenação de Benedito Nunes. Belém: Editora Universitária UFPA, 2001.
- RYLE, G. Letters and syllables in Plato. The Philosophical Review. Duke University Press, v. 69. p. 431-451, 1960.
- RYLE, G. Logical atomism in Plato's Theaethetus. Phronesis. Brill, v. 35. p. 21-46, 1990.
- SOULEZ, A. Aux sources grecques de la tradition semantique : le thème platonicien des 'liaisons premières'. Archives de Philosophie, v. 50. P. 371-401, 1987.
- SOULEZ, A. Le travail de la négation. In : AUBENQUE, P. *Études sur le Sophiste de Platon*. Napoli : Bibliopolis, 1991.

[Recebido em setembro de 2014; aceito em setembro de 2014.]